

Jesus, vida e missão segundo o Espírito, em confronto com as forças do mal. Uma abordagem teológico-espiritual de Mc 1, 12-13

Wêdja Domingos de Melo ¹

Resumo: O Evangelho segundo Marcos foi o primeiro a ser escrito e serviu de fonte para os evangelhos segundo Mateus, Lucas e João, respectivamente. Marcos é o único evangelista que intitula sua obra de “evangelho”, palavra proveniente da língua grega, *eu-angélion*, “boa-nova”. Para ele, a boa nova é o próprio Jesus Cristo. Este artigo pretende focalizar, sob a ótica teológico-espiritual, a pessoa de Jesus, cuja vida e missão estava em sintonia com o Espírito Santo, em confronto com as forças do mal, simbolizadas pelas tentações e, ao mesmo tempo, sua vitória sobre elas, que nos anima para que, diante de uma realidade sócio-econômica-cultural marcada pela violência, injustiça e desigualdade social, frutos do egoísmo, causando dores e mortes, não percamos a esperança e resgatemos a sensibilidade, a solidariedade e a fé, tendo por base o cultivo da espiritualidade cristã. A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica, buscando referências em autores na área da teologia e da espiritualidade cristã, sobretudo, inaciana. O objetivo geral é sensibilizar para uma vivência do Evangelho, cujo modelo é o próprio Jesus Cristo, que vence as forças do mal por meio de sua íntima relação com o Pai, na força do Espírito, que o anima e inspira no cumprimento de sua missão salvífica. Os objetivos específicos são: 1. Apresentar o ideal messiânico de Jesus, em confronto com as forças do mal; 2. Apresentar a capacidade de discernimento que tinha Jesus, optando pela liberdade, pela vida e pela fidelidade ao seu Projeto de vida, por amor à humanidade; 3. Inspirar à identificação a Jesus Cristo e ao seu seguimento, comprometido com a vida e a dignidade do ser humano.

Palavras-chave: Jesus Cristo. Liberdade interior. Espiritualidade.

INTRODUÇÃO

É possível notar que a narrativa do Evangelho segundo Marcos demonstra a tentativa do evangelista de apresentar quem é Jesus, para que, conhecendo-o, a comunidade de fé se coloque em seu seguimento e faça dos seus ensinamentos, que compreendem os seus discursos e a sua prática, um projeto de vida.

Contudo, ao narrar que Jesus foi tentado, Marcos quer mostrar que satanás já exercia o seu poder maléfico sobre o mundo. Sua insinuação se dá a partir do interior do ser humano,

¹ Wêdja Domingos de Melo. Mestrado em Ciências da Religião, pela UNICAP. Possui Especialização em Gestão Educacional: espaço escolar e não escolar, pela FAFIRE e em Orientação e Acompanhamento Espiritual, pela FAJE. Graduada em Pedagogia, pela UPE. Atua na secretaria da Paróquia Sagrado Coração de Jesus, em Casa Forte, Recife/PE. Com experiência em cursos e palestras na área de Espiritualidade e Bíblia, pregação de retiros na linha da Espiritualidade Inaciana, Membro da Equipe Nacional de acompanhantes espirituais (Itaici), formação para agentes de pastorais. É membro do CEBI. Membro do Grupo de Pesquisa: Tradições e Experiências Religiosas, Cultura e Sociedade (UNICAP), do Grupo de Estudo sobre a Religiosidade Cristã (UNICAP), do Grupo de Estudos da Logoterapia e Análise Existencial (UNICAP), Grupo de Espiritualidade Inaciana (Santuário Nossa Senhora de Fátima/ UNICAP). Membro do Centro de Estudos da História Municipal e Assessora da Escola da Fé, na Paróquia Sagrado Coração de Jesus, em Casa Forte. Possui publicações na linha da Espiritualidade Inaciana, Espiritualidade Profética, Teologia Bíblica. E-mail: wedjadm@gmail.com

sugerindo desejos, pensamentos e ações contrárias às inspirações do Espírito e ao projeto do Pai, procurando, assim, desviar a pessoa e a realidade em que vive do projeto divino.

Observa-se que, vencendo as tentações, Jesus aparece como homem de discernimento, que não cede às paixões nem se deixa vencer pela sedução do ter, do poder e do parecer. No entanto, consciente de sua missão, deixa-se conduzir pelo Espírito, que o leva sempre à intimidade com o Pai e à solidariedade com seus seres humanos.

Contudo, o presente artigo pretende ressaltar a ação de Jesus frente às forças do mal e fazer uma breve leitura teológico-espiritual sobre essa ação. Nosso trabalho apoia-se na Bíblia e em escritos de autores versados em estudos bíblicos e espirituais, como Ched Myers, Euclides Martins Balancin, Irineu J. Rabuske, M.-J. Lagrange, José Raimundo Oliva, Martinho Penido Burnier, aos quais acrescentamos o contributo teológico-espiritual de homens e mulheres profundamente místicos, a exemplo de São Bernardo, Santo Inácio de Loyola, São João da Cruz, Madre Agathe Verhelle, que sustentam a vida da Igreja com o testemunho de uma vida inteiramente doada a Deus e ao próximo.

1 O TEXTO DE MARCOS (1, 12-13)

¹² E logo o Espírito o impeliu para o deserto. E ele esteve no deserto quarenta dias, sendo tentado por Satanás; ¹³ e vivia entre as feras e os anjos o serviam.

A narrativa da tentação vivida por Jesus encontra-se nos três Evangelhos sinóticos (cf. Mt 4,1-11; Mc 1,12-13; Lc 4,1-13). Entretanto, apenas Marcos apresenta um relato deveras sucinto, semelhantemente ao do batismo de Jesus (Mc 1,9-11), não apresentando, por exemplo, as três tentações. De modo mais ou menos esquemático, o referido evangelista aponta a causa da estada de Cristo no deserto; as três principais características dessa estada: - a tentação pelo demônio (satanás); - o serviço prestado pelos anjos; - a companhia das feras; e, enfim, a duração aproximada dessa luta contra satanás (40 dias), expressão indicativa de uma totalidade sem pretensão de cronologia precisa. O significado do quadro relatado é resumido por J. Lagrange nos seguintes termos:

Jesus, longe do convívio dos homens, na solidão apenas perturbada pela passagem de algum animal selvagem, é posto durante quarenta dias, à semelhança de Moisés, em contato com o mundo dos espíritos. Satanás o tenta, evidentemente para fazê-lo decair de seu posto e afastá-lo de sua missão; os Anjos o servem por toda espécie de bons ofícios. Marcos não achou necessário dizer que Jesus saiu vencedor da luta. Que podia Satanás contra Ele?²

2 LAGRANGE, J.. L'Évangile de Saint Marc. Études Bibliques, Gabalda, Paris, 1911. Citado em BURNIER, Martinho Penido, O.P. Perscrutando as Escrituras. II. São Marcos (I), Petrópolis: Vozes, 1968, p. 17.

Marcos diz que Jesus foi tentado, mas não diz em que consistiu a tentação. Ao longo do seu evangelho percebe-se que não se trata de apenas uma tentação, mas de várias, que aconteceram durante a sua vida.

2 REFLEXÃO TEOLÓGICO-ESPIRITUAL

Dentre os sinóticos, apenas Marcos omite o pormenor das três tentações, acrescenta a alusão às feras, que evoca o ideal messiânico, anunciado pelos profetas, de um retorno à paz paradisíaca (cf. Is 11, 6-9), associada ao deserto (cf. Os 2,16) e o serviço dos anjos para exprimir a proteção divina (cf. Sl 91, 11-13).

O presente texto pretende apresentar um aspecto da existência que, até mesmo o Filho, experienciou em sua condição e natureza humana: a luta interior. O confronto espiritual entre a inspiração e a ação do Espírito e a força e a sedução do mal, de satanás, o tentador, que acontece no âmago do ser.

Embora não explicita as tentações que Jesus sofreu, é possível interpretar, pelo texto de Marcos, a raiz dessas tentações, que tem profunda relação com o tema do deserto. Na perspectiva bíblica, o deserto está intimamente ligado à libertação do Egito e ao distanciamento das instâncias do poder opressor. Marcos diz que “Jesus ficou no deserto durante *quarenta dias*”, reforçando com isso a ligação com o êxodo, pois os hebreus permaneceram *quarenta* anos no deserto (cf. Ex 16, 35). Foi no deserto que Moisés teve a experiência do Deus libertador (Ex 3) e recebeu os mandamentos, que seriam a base da sociedade justa que Deus queria (cf. Ex 20). Como observa um estudioso desse primeiro Evangelho sinótico, Marcos faz nove referências ao “deserto”. Este tem o sentido de lugar excluído, periferia sem recursos e onde reina a fome (cf. Mc 8,2-4). É o lugar do povo oprimido em fuga (êxodo), lugar onde o justo perseguido encontra a proteção de Deus (Elias, em 1Rs 19, 3-8). É também o lugar onde Deus fala ao coração procurando resgatar a memória do Êxodo” (Os 2,16s).³

Jesus, conduzido pelo Espírito, vai para o deserto, onde é tentado pelo “adversário” e vivia entre as feras, e os anjos o serviam (Mc 1, 12-13). A tentação pelo “adversário” é uma temática recorrente no livro de Jó (cf. Jó 1, 6-12), cujo conteúdo é o conflito teológico entre Jó e os legalistas tradicionais, defensores da doutrina da retribuição. Em mais de uma passagem de Marcos, Jesus é “tentado” por seus adversários políticos, que dele se aproximam para acusá-lo e intimidá-lo (cf. 8,1; 10,12;12, 14-17).

Do relato de Marcos sobre a tentação de Jesus, com os pormenores por ele explicitados, adverte-se que na raiz da tentação de Jesus está a urgência de discernir, fazer uma escolha entre vida e liberdade, morte e opressão, vontade de Deus Pai que liberta e interesses pessoais egoístas. É nesta tensão que se encontra Jesus: de um lado, o Espírito que o impele e os anjos

3 OLIVA, José Raimundo. “O Caminho do Mais Forte. Breve comentário sobre o prólogo do Evangelho de Marcos”. In: O Evangelho de Marcos, Boas Novas para o Novo Milênio. *Estudos Bíblicos* 64, Petrópolis: Vozes, 1999, 43-50 (45).

que o servem; do outro, Satanás que o tenta e as feras ou animais selvagens que o circundam. As feras podem representar as inclinações para uma vida fechada, marcada pelo pecado, presente no ser humano. Jesus, enquanto homem, teve que se decidir entre servir a Deus Pai ou servir a satanás. Qual a decisão de Jesus? Ele optou por ser fiel, até o fim ao projeto do Pai, projeto de vida e de liberdade para todos.

Jesus será tentado muitas vezes a abandonar o projeto do Pai. Sua prática será a maior prova da presença de Deus no mundo e indicará qual é a vontade de Deus. Vivendo em profunda comunhão com o Pai e sempre acompanhado de sua presença e proteção, Jesus não cedeu às forças do mal.

Marcos anuncia que a grande luta apocalíptica histórica está em andamento, com a grande “novidade” surgindo, não nos ambientes do Templo, mas na periferia. No Evangelho que segue, Marcos desenvolve este combate apocalíptico de luta de Jesus com os demônios, realizando-se no confronto de autoridade com os escribas, tendo como base o confronto entre o “homem forte” e o “mais forte” (3,23-30).⁴

O prólogo de Marcos oferece-nos, pois, um importante conteúdo teológico: o combate apocalíptico, que se consuma aqui na terra. O combate desce dos céus para a terra, e se dá entre o Filho amado e o poder religioso, sediado na sinagoga e no Templo, e o poder do Império, com sua imagem estampada no dinheiro.

Com o relato das tentações, pretende-se, pois, ressaltar um aspecto da existência humana da qual nem mesmo o Filho de Deus foi poupado em sua condição e natureza humana: a luta interior, o confronto espiritual entre, por um lado, a inspiração e a ação do Espírito, e, por outro, a força e sedução do mal (Satanás, o tentador), que acontece não só no íntimo de cada ser humano, mas também nas estruturas sociopolíticas, retratadas no tempo de Jesus e como se apresentam, na atualidade. Em seu Evangelho, Marcos delineia uma teologia histórica, na qual os fatos históricos são em si mesmos uma revelação de Deus, e procura retratar o desfecho apocalíptico na história, ou seja, o *fim* de uma *história* de opressão e morte e o *início* de uma vida plena para todos.

Esta abordagem nos permite concluir, com J. R. Oliva, que “a vida gloriosa no Reino é uma realidade, hoje, contudo em combate com as forças satânicas da divisão e da morte”⁵. O Evangelho de Marcos alimenta, a esperança de todo o povo de Deus por um Reino de fraternidade, partilha, justiça e vida, já que em Jesus, Senhor e Mestre, esta “nova terra” já foi alcançada, graças à sua luta e vitória sobre a morte.

No campo da mística cristã, um grande contributo foi dado por São Bernardo, para o qual a luta do cristão se dá em dupla frente de batalha: contra “a carne e o sangue” e “contra os espíritos malignos do mundo invisível”. Outro significativo aporte é o de São João da Cruz,

4 *Ibid.*, 48.

5 *Ibid.*, 49.

em cuja Noite Escura afirma ser o demônio “o mais forte e astuto inimigo”, que se insinua em todos os campos da atividade humana, procurando minar até a relação do homem com Deus. Por sua vez, a Madre Agathe Verhelle (1786-1838), fundadora do Instituto das Religiosas da Instrução Cristã, alertava as religiosas, dizendo que “enquanto estamos na terra, estamos em um campo de batalha, onde nunca dorme o Inimigo”⁶.

Ainda nesse contexto de combate espiritual, Santo Inácio de Loyola⁷ chama satanás de inimigo (da natureza humana) e afirma que este usa diferentes táticas para seduzir e tentar o ser humano, visto que cada pessoa possui peculiaridades próprias - sua individualidade -inclusive no que se refere à inclinação para o pecado, sua vulnerabilidade. Sobre isso dirá:

O inimigo é um estrategista esperto que adapta as suas táticas e tentações ao nosso modo de ser: a uns meterá medo (cf. EE 325); a outros, os fará ter vergonha de abrir sua consciência com quem poderia ajudá-los; e a todos rodeará, para poder atacá-los pelo ponto mais frágil. A atitude do exercitante será fazer o contrário do que o inimigo lhe peopõe.⁸

Na abordagem segundo a espiritualidade inaciana, as três tentações de Jesus mencionadas nos Evangelhos segundo Mateus e Lucas, respectivamente, podem significar a inclinação natural que todo ser humano tem pelos atrativos do prazer, do ter e do parecer, sobretudo numa era, como a atual, em que a insatisfação domina o interior de muitas pessoas. Perante a dificuldade de encontrar o sentido da própria vida, a pessoa, cada vez mais distraída e distante de si mesma, confunde o fim de sua existência com os meios que deve utilizar para realizá-lo. Com isso, passa a fazer uso das coisas criadas de maneira desordenada. Por outro lado, por ser a pessoa humana dotada de afeto e sentir a necessidade de “aderir” o seu coração a algo importante para a sua vida, começa a desenvolver apego a ideias, projetos, posicionamentos, títulos, ascensão profissional, status social e a uma série de objetos e circunstâncias que lhe deem prazer, conforto, reconhecimento por parte de outrem ou que lhe assegurem uma imagem triunfalista, satisfazendo a sua ânsia de parecer, em geral acompanhada do desejo de aquisição irrestrita das coisas criadas, as quais, na maioria das vezes, não lhe são necessárias. Assim, a pessoa vai se distanciando da sua finalidade última enquanto criatura, da sua verdadeira realização, da sua comunhão com Deus e com os seus semelhantes. Em tal circunstância, é interpelada por Deus para fazer uso das coisas com discernimento e de modo ordenado, sem apego afetivo, sem “aderência do coração”, e a ser solidária com o próximo. Dentro da perspectiva inaciana, trata-se de viver na busca constante do fim para o qual foi criada, o qual consiste essencialmente em louvar, reverenciar e servir a Deus e, assim, salvar-se.

O reto uso das coisas criadas é consequência lógica da vocação hu-

6 Citado por GONZALEZ- QUEVEDO, Luís. Discernimento espiritual. As Regras Inacianas. Leitura e Releitura. São Paulo: Loyola, 2013, 69-70

7 Santo Inácio de Loyola (1491-1556) é o fundador da Companhia de Jesus e deixou para a Igreja, como um grande legado, a espiritualidade inaciana e os Exercícios Espirituais (EE).

8 Citação de GONZALEZ- QUEVEDO, Luís, Op. Cit., 87.

mana. Uma questão de bom senso: os meios são para o fim. Todas as coisas criadas, tudo, fora do ser humano, são meios. Riqueza, conforto, prazer convertidos em fim não podem trazer senão frustração e desgraça. Aí está a raiz de tanta injustiça, de tanta desordem no mundo. O plano de Deus às avessas! O ser criado para viver em comunhão, que só pode entender-se corretamente a partir de Deus e do irmão, tem a pretensão de compreender o mundo a partir do próprio eu erigido em senhor absoluto e soberano.⁹

Jesus vence a tentação, age contra as suas inclinações naturais enquanto ser humano, Verbo Encarnado, e nega-se a assumir uma postura de autossuficiência e vaidade, que busca o poder em benefício próprio e o prestígio para a ascensão pessoal. A tradição judaico-cristã apresenta a vida nesta terra como um “combate espiritual” (cf. Jó 7,1; Ef. 6, 10-17). O testemunho de vida de Jesus deve inspirar toda pessoa humana a lutar contra o mal, empenhando-se, antes de tudo, por dominar suas próprias paixões desordenadas e a servir.

3 JESUS ENQUANTO HOMEM LIVRE

Nesse contexto das tentações, parece-nos oportuno realçar a figura de Jesus como um homem que possuía profunda liberdade interior. Por isso, não necessitava apoiar-se em coisa alguma como meio de autoafirmação; não precisava acumular ou fazer reservas de coisas que lhe dessem a sensação de estar garantindo os meios para a própria sobrevivência. Sua confiança estava naquele que conhece as necessidades de cada ser humano e vai ao encontro delas.

A ansiedade de possuir é, no fundo, outra forma de medo de que necessitamos ser libertados. Possuir, acumular, guardar... são uma forma de proteger e ocultar nosso próprio desvalimento. Mas Jesus pede de nós uma confiança capaz de renunciar a todas essas precauções e seguranças e uma fé que se arrisque em deixar o cuidado de nossa vida nas mãos do Pai.¹⁰

Jesus, homem livre, sabia colocar as coisas criadas nos lugares a elas destinados. Antes de ser reconhecido como Senhor da humanidade, por ser Deus, sabia ser senhor de si. Escolheu a pobreza frente à riqueza, realidade tão bem experienciada e anunciada por São Paulo em sua Segunda Carta aos Coríntios: “Vós conheceis a bondade de Nosso Senhor Jesus Cristo. Sendo rico, se fez pobre por vós, a fim de vos enriquecer” (cf. 2Cor 8, 9).

Aceitou a condição humana, respeitando o livre arbítrio daqueles que, corrompidos pelo atrativo do poder, religioso e civil, o condenaram injustamente à morte. Condenaram-no

9 GOPEGUI, Ruan A. Ruiz. Procurar e encontrar Deus por meio dos Exercícios Espirituais. São Paulo, Loyola, 2005, 41-42.

10 ALEXANDRE, Dolores. Ícones bíblicos para um Itinerário de Oração. São Paulo: Loyola, 2000, 137.

ao tipo mais doloroso, humilhante e punitivo de morte existente naquela época: a morte de cruz. E isso porque sua vida e o modo de realizar a sua missão a serviço da vida provocava e desafiava as autoridades de seu tempo. Porém, Jesus era um “homem indiferente”: para ele, pouco importava o que pensavam ou falavam dele: seu fim era salvar. Se isso viria acompanhado da condenação que lhe “tiraria” a honra, enquanto pessoa, pouco importava. Jesus não regateou, não voltou atrás. Ele é e será sempre um modelo a ser almejado e imitado.

Devemos tornar-nos indiferentes. Porque muitas vezes temos apegos desordenados às coisas criadas, fazemos delas fins, em lugar de meios. A Indiferença é a graça da arrumação dos desejos, das tendências e dos sentimentos: uma tarefa para a vida toda. Devemos colocar-nos diante de Deus na verdade de nossos desejos, de nossas vontades, que em muitas coisas não estão plenamente ordenadas ao fim a que somos chamados.¹¹

O mesmo Espírito que impeliu Jesus ao deserto, levou-o ao conhecimento de sua interioridade e o fez homem de discernimento durante toda a sua vida. Portanto, conhecedor das astúcias do tentador, do mau espírito, que, mentindo, tentava-o quanto ao suprimento de uma de suas necessidades básicas, - a de alimentar-se -, apelando para a sua relação filial com Deus. O tentador serviu-se da mentira para dizer-se possuidor de poder e glória. Por fim, tentou-o quanto ao “parecer todo poderoso” instigando-o, pela mentira, a atentar contra a sua própria vida. Jesus recusa todo apelo ou tentação das forças do mal, sempre contrárias à vontade do Pai para a sua vida e missão. Ele desmascara a forma utilizada pelo mau espírito, ou seja, o tentador, para tentá-lo a viver segundo os apelos da sua natureza humana, e resiste às tentações. Santo Inácio chama a atenção para esse aspecto em suas orientações para os que fazem os Exercícios Espirituais:

O inimigo quer a nossa perdição. Para tanto, ele nos atrai para o caminho do mal, empregando uma tática tão velha como a humanidade: a mentira. O salmista já se queixava: “Todo homem é mentiroso” (Sl 116 [114+115], 11). E o quarto evangelho diz que o diabo é o pai da mentira” (Jo 8, 44). O nosso antigo adversário tente confundir os nossos conceitos do bem e do mal.¹²

Jesus, no confronto com as forças do mal, que o tentam em seu interior, age de maneira absolutamente contrária à proposta do mau espírito, porque era movido pelo amor ao Pai e à humanidade, e não pela vaidade, nem pela sede de ter ou de poder, ou pelo desejo de parecer ou de mostrar-se diante das pessoas, o que é tão visível na sociedade atual. Jesus é homem maduro, ascético, centrado na finalidade de sua missão terrena e, portanto, modelo a ser seguido em nossa caminhada rumo à Pátria celeste. Sobre isso Santo Inácio deixa também uma nota para aqueles que fazem os Exercícios Espirituais.

11 GOPEGUI, Ruan A. Ruiz. Op. Cit., 42-43

12 GONZÁLEZ-QUEVEDO, Luís. Op. Cit., 72-73.

Inácio aconselha ao exercitante enfrentar sem medo as tentações do inimigo, fazendo o diametralmente oposto ao que a tentação lhe insinua. É o princípio ascético conhecido com a expressão latina *agere contra* (“agir contra [a tentação]”). A história dos santos está cheia de exemplos dessa atitude.¹³

A toda pessoa humana é dado, pelo Espírito Santo, o bom Espírito, o dom do discernimento, que a torna apta a distinguir, em seu interior, os apelos e inspirações de Deus das insinuações e tentações do mau espírito, o inimigo da natureza humana. É preciso viver segundo o Espírito de Deus e captar sua luz, que encaminha à santificação, que acontece no presente da existência. Deve-se pedir ao Senhor fé e humildade, bem como a docilidade para acolher a graça do Espírito em nossa vida.

Na Parábola evangélica do trigo e do joio, Jesus nos ensina que o bem e o mal coexistem, tanto em nosso coração como na Igreja e na sociedade. Porém, Inácio supõe que, à luz da revelação cristã, em clima de oração e confrontando a nossa caminhada com uma pessoa espiritual, é possível distinguir o bem do mal. É a graça do discernimento, que devemos pedir com humildade e perseverança.¹⁴

Enfim, vencendo Jesus as forças do mal, mostra à humanidade que é possível caminhar no chão desta existência desenvolvendo as virtudes e os carismas dados pelo Espírito, bem como os valores do Reino por Ele apresentados desde a encarnação, passando pelo seu ministério, implícitos durante a vida oculta e explícitos na sua vida pública, sobretudo durante a experiência de sua Paixão, Morte e Ressurreição, pois Ele é a imagem à qual todo ser humano é chamado a configurar-se (cf. Ef. 4, 22-24).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura dos textos da Sagrada Escritura à luz da espiritualidade cristã sempre interessou às pessoas que buscam o crescimento e amadurecimento na fé, pois serve como meio privilegiado para uma relação pessoal com Deus, que desembocará no conhecimento interno de Jesus e na experiência de se tornarem contemplativas na ação. O presente artigo deixou-se guiar por esse intuito. Que ele possa fomentar nos leitores, no dizer de Santo Inácio de Loyola, o “Sentir e Saborear as coisas internamente”. Bem como, a vencer as forças do mal, sobretudo no interior, pois enquanto caminha-se nessa existência, o combate espiritual é constante, visto que somos “dualidade, contradição”. Faz-se necessário, com o uso da inteligência e da vontade, resistir às nossas inclinações ao pecado e ao apego, desenvolvendo a liberdade interior e realizando a missão pessoal, no seguimento a Jesus, que é sempre em prol da vida, sobretudo dos mais vulneráveis, excluídos e empobrecidos.

13 Ibid., 77.

14 Ibid., 87-88.

14 LAGRANGE, J. Op. Cit, In: Loc. cit., 17.

REFERÊNCIAS

- ALEIXANDRE, Dolores. Ícones bíblicos para um Itinerário de Oração. São Paulo: Loyola, 2000.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova Edição Revista e Ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- BURNIER, Frei Martinho Penido. *Perscrutando as Escrituras II*. São Marcos (I) Petrópolis: Vozes, 1968.
- GONZALEZ-QUEVEDO, Luís. *Discernimento espiritual*. As Regras Inaciana. Leitura e releitura. São Paulo: Loyola, 2013.
- GOPEGUI, Ruan A. Ruiz. *Procurar e encontrar Deus no dia a dia por meio dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio*. São Paulo: Loyola, 2005.
- LAGRANGE, J. *L'Évangile de Saint Marc*. Études Bibliques. Gabalda, Paris, 1911.
- MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992,
- OLIVA, José Raimundo. "O Caminho do Mais Forte. Breve comentário sobre o prólogo do Evangelho de Marcos". In: O Evangelho de Marcos, Boas Novas para o Novo Milênio. *Estudos Bíblicos* 64, Petrópolis: Vozes, 1999, 43-50.
- PAIVA, R. *Exercícios Espirituais de Santo Inácio*. 7ª Edição. São Paulo: Loyola, 2013.
- VÁRIOS, O Evangelho de Marcos, Boas Novas para o Novo Milênio. *Estudos Bíblicos* 64. Petrópolis: Vozes, 1999.
- VÁRIOS, *Dicionário Bíblico*, vol 5. São Paulo: Loyola, 1987.